Elizabeth Gurley Flynn

SABOTAGEM

A RETIRADA CONSCIENTE DA EFICIÊNCIA INDUSTRIAL DOS TRABALHADORES*

(*) Primeira edição em língua portuguesa. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne.

Preço: dez centavos

Outubro 1916

Publicado pelo Burô dos Trabalhadores Industriais do Mundo (I.W.W.)

Cleveland, Ohio, E.U.A.

(Posteriormente retirado da bibliografia oficial dos Sindicatos)

Apresentação: Elizabeth Gurley Flynn - A "Rebel Girl"

Em 1905 um grupo anarco-sindicalista fundou em Chicago a Industrial Workers of The World, organização revolucionária cujos militantes ficaram conhecidos como Wobblies. Como outros movimentos ocorridos na Europa neste mesmo ano (revolução na Rússia, greves de massas na Alemanha), este era basicamente uma resposta dos trabalhadores ao brutal processo de modernização por que passava a economia capitalista desde fins do século XIX. De um lado surgiam grandes corporações como a U. S. Steel que, além das novidades tecnológicas, adotavam os métodos fordistas de eficiência, redução de custos e ganhos de produtividade e, de outro, eram lançadas na miséria grandes massas de trabalhadores, tornados "obsoletos" pela mesma revolução tecnológica.

Entre os objetivos da IWW encontravam-se a luta por emprego, melhores salários e melhores condições de trabalho e de vida para os trabalhadores, com uma diferença essencial (em relação à AFL, Federação Americana do Trabalho, por exemplo): esta organização incentivava a filiação de desempregados (excluídos, como se diz ultimamente), trabalhadores não-qualificados, temporários, itinerantes, imigrantes, negros e de outras etnias, mulheres e quem mais estivesse disposto a lutar por aquelas causas, sem distinção de setor ou especialidade. Uma outra novidade dos wobblies era não só admitir a filiação de mulheres, como ainda favorecer a sua militância na própria direção do movimento, que por sinal contara

com uma mulher (Mother Jones) entre seus fundadores.

Com essas características, não é de admirar que admitissem em seus quadros Elizabeth Gurley Flynn, ainda com 16 anos, que rapidamente se tornou figura nacional, a Rebel Girl, conhecida como enérgica e fascinante agitadora. Proveniente de família de trabalhadores irlandeses, ela cresceu cultuando a memória dos Mártires de Chicago, de modo que sua adesão à IWW foi um passo mais ou menos natural.

Para se ter idéia de seu destemor, basta lembrar de sua participação na chamada luta pela "livre expressão" (free speech), conduzida pelos wobblies por cerca de dez anos a partir de 1907. Tratava-se de defender — para os trabalhadores e excluídos de modo geral — o direito de reunião, de realizar comícios e divulgar suas idéias e bandeiras de luta contra as mais variadas iniqüidades cometidas por patrões e governos. A tática consistia em mandar alguns militantes a alguma cidade onde houvesse algum problema dessa ordem, o que não faltava. Uma vez instalada a seção da IWW, começavam as filiações e os comícios, que consistiam em levar a uma esquina bem movimentada um caixote sobre o qual o wobbly discursava. Tão logo o número de ouvintes crescia, a polícia vinha prender o orador. Novo militante assumia a "tribuna" e, aos tópicos anteriores, acrescentava a reivindicação de liberdade para o prisioneiro, com base na Primeira Emenda (direito de livre expressão). Depois de mais algumas prisões, solicitavam-se reforços à central da IWW em Chicago. Dada a chamada geral, e como a maioria dos wobblies era de trabalhadores precários ou desempregados, do país inteiro dirigiam-se militantes para o local da luta. Eles chegavam aos bandos (a pé, em viagens clandestinas de trem, e pelos mais variados e heterodoxos meios baratos de transporte) para participar do mesmo processo em escala ampliada: discursar e seguir para a prisão. Nem é preciso dizer que em pouco tempo a cadeia local entrava em colapso devido à superlotação e as autoridades acabavam sendo obrigadas a revogar a legislação inconstitucional, assim como as ordens de prisão. Uma das razões que levavam sobretudo os trabalhadores itinerantes (hobos) a

participar deste tipo de luta era a mesma que punha as cadeias em crise pois, habituados a passar fome e a não ter onde morar, eles aderiam com entusiasmo à perspectiva de passar alguns dias abrigados e com três refeições diárias, presos junto aos companheiros. Diga-se de passagem que o passatempo preferido destes prisioneiros era cantar e fazer discursos de protesto e em geral o barulho que faziam também acabava prejudicando a vida normal das cidades onde estivessem lutando.

Este método de luta, pedagogia e organização era uma inovação sobre os mais tradicionais, também praticados com muita eficiência pela IWW, nos quais Elizabeth Gurley Flynn também se destacava. Exemplo disso foi sua participação nas históricas greves de tecelões em Lawrence e Paterson (cidades próximas a New York), nas quais organizou milhares de mulheres e liderou o movimento de proteção aos filhos dos grevistas, que produziu impressionante repercussão favorável aos trabalhadores na opinião pública. É deste período o ensaio "Sabotagem".

Em 1917, a rebelde se desliga da IWW por discordar dos rumos que a direção imprimia à luta contra a repressão ao movimento desencadeada pelo governo federal, o terror vermelho (red scare). Fundou então a Liga de Defesa dos Trabalhadores (WDL) para dar apoio legal e financeiro às vítimas dessa perseguição. Seu empenho foi peça importante na transformação do "caso" Sacco e Vanzetti em assunto de interesse nacional.

Por problemas de saúde, passou dez anos afastada das lutas e quando voltou à ativa, já em meados dos anos trinta, aproximou-se do Partido Comunista, ao qual se filia no final da década. Como já era uma figura lendária na luta dos trabalhadores, rapidamente é elevada a membro do Comitê Central. Nessa condição, foi presa e processada junto com a direção do partido com base no Smith Act, aprovado pelo Congresso em 1940, que definia como crimes ensinar, defender ou apoiar a derrubada do governo. Saindo da prisão, em 1957, e reconduzida ao Comitê Central, participou do difícil processo de reconstrução do

partido com o FBI permanentemente em seu encalço. Em 1964, morreu em Moscou aos 74 anos, onde recebeu funerais com honras de Estado. Parte de suas cinzas foi depositada no Kremlim e parte foi depositada em Chicago, ao lado dos mártires de Chicago e outros companheiros de luta. Mais informações sobre sua vida e lutas podem ser encontradas, entre outras, em sua autobiografia, The Rebel Girl, e na obra de Helen C. Camp, Iron in her soul: Elizabeth Gurley Flynn and the American Left, ambas evidentemente inéditas no Brasil.

Na canção que compôs para Elizabeth Gurley Flynn, Joe Hill dizia ser maravilhoso lutar pela liberdade ao lado de uma garota rebelde: "it s great to fight for Freedom with a Rebel Girl".

Iná Camargo Costa **

(**) Do Conselho Editorial da Revista Cultura Vozes (Teatro). Coordena com Paulo Eduardo Arantes a Coleção Zero à esquerda, Ed. Vozes.

Sumário

- A necessidade da sabotagem na luta de classes
- Formas mais comuns de sabotagem
- Salários baixos, menos trabalho, " Ca Canny"
- Interferência na qualidade dos produtos
- O conselho de Boyd aos escravos das fábricas de seda
- "Dinamitando" a seda
- Não-adulteração e superadulteração
- Interferência no serviço. Sabotagem "boca aberta"
- Seguindo o "manual de regulamentos"
- Colocando a máquina em greve
- "Imprima a verdade ou não imprimirá nada"
- "Usávamos sabotagem, mas não sabíamos que tinha esse nome"
- Sabotagem e "fibra moral"
- Reduzindo o estoque de escravos
- Sabotagem, uma medida de guerra

Prefácio: Trabalhadores Industriais do Mundo

A classe trabalhadora e a classe patronal nada têm em comum. Não é possível haver paz quando milhões de trabalhadores passam fome e necessidade, enquanto que uns poucos, os que constituem a classe patronal, possuem todas as coisas boas da vida.

A luta terá de continuar entre essas duas classes até que os trabalhadores do mundo se organizem como uma classe, tomando para si o controle da terra e da maquinaria da produção, e abolindo o sistema salarial.

Vemos que a concentração do controle das indústrias em um número cada vez menor de mãos, torna os sindicatos incapazes de competirem com o poder crescente da classe patronal. Os Sindicatos fomentam uma situação que permite que um grupo de trabalhadores de uma indústria seja obrigado a competir com outro grupo na mesma indústria, contribuindo, portanto, para a vitória de um desses grupos sobre o outro na guerra por melhores salários. Além disso, os Sindicatos colaboram com a classe patronal, levando os trabalhadores a acreditarem que a classe operária tem interesses em comum com seus patrões.
A única forma de mudar essa situação e de defender os interesses reais da classe operária é através de uma organização estabelecida de tal modo que todos os membros de uma determinada indústria, ou, se necessário, de todas as indústrias, parem de trabalhar sempre que houver uma greve ou um conflito patronal em qualquer departamento da indústria em questão, fazendo com que a injúria cometida contra um, seja considerada uma injúria contra todos.

No lugar do mote conservador "Um dia de salário justo para um dia de trabalho justo", devemos inscrever em nossa bandeira o lema revolucionário "Abolição do sistema salarial".

A missão histórica da classe trabalhadora é dar fim ao capitalismo. É preciso organizar o exército da produção, não só para a luta diária contra os capitalistas, mas também para dar continuidade à produção quando o capitalismo houver sido derrocado. Organizando-nos industrialmente estaremos construindo a estrutura da nova sociedade no próprio arcabouço da sociedade antiga.

A necessidade da sabotagem na luta de classes

Não tentarei justificar a sabotagem em termos morais. O mero fato de que os trabalhadores a consideram necessária, já a torna ética. Ser necessidade é a maior justificativa para sua existência. Discutirmos aqui a moralidade da sabotagem seria tão absurdo como discutir a moralidade da greve ou a da própria luta de classes. Aquele que acredita que existe paz, ou algum tipo de harmonia fraternal, entre os trabalhadores de um lado, e seus patrões, de outro, e que, consequentemente, qualquer greve ou conflito que ocorra nada mais é que uma pequena desavença familiar; aquele que crê que é possível chegar a uma situação na qual o patrão possa obter o suficiente e o trabalhador também, um ponto onde se dê um ajuste amigável entre a guerra industrial e a distribuição econômica, esse jamais poderá entender qualquer justificativa ou explicação que se dê para a sabotagem. A sabotagem é uma arma no arsenal do trabalhador para que esse possa lutar no seu campo da luta de classes. À medida que se torna mais esperto, o trabalhador compreende que precisa ter poder para obter qualquer coisa; que nem apelos à compreensão, nem direitos abstratos, conduzirão a melhores condições. Vejamos, por exemplo, um estabelecimento industrial como um fábrica de seda, onde homens, mulheres e crianças trabalham dez horas por dia em troca de um salário médio de entre seis e sete dólares por semana. Por acaso algum deles, ou até uma comissão que os representasse, poderia convencer seu patrão a dar-lhes melhores condições simplesmente invocando sua compaixão, falando da miséria que os aflige, das dificuldades e da pobreza de suas vidas? Ou apelando para seu sentido de justiça? Suponhamos que um trabalhador ou uma trabalhadora qualquer chegasse para seu patrão e dissesse: "Na minha

capacidade de trabalhador assalariado nesta fábrica, produzo, diariamente, tantos dólares de riqueza e a justiça exige que você me dê pelo menos a metade desta riqueza." Provavelmente esse patrão faria com que o dito trabalhador fosse internado no hospício mais próximo, pois, a seus olhos, esse trabalhador seria um criminoso demasiado perigoso para continuar solto na comunidade! Para convencer um empregador, não devem ser utilizadas nem a compreensão, nem a justiça e sim, o poder. Se uma comissão leva ao empregador o seguinte ultimato: "Nós somos os representantes de todos os homens e mulheres desta fábrica. Da mesma maneira que você faz parte de uma associação industrial, esses homens e mulheres estão organizados em um sindicato. Nesse sindicato, eles se reuniram e formularam uma reivindicação por melhores salários e menos horas de trabalho e não irão trabalhar nem mais um dia se sua demanda não for atendida. Em outras palavras, eles retiraram seu poder como produtores de riqueza de sua fábrica e vão coagi-lo através dessa retirada de poder;" esse tipo de ultimato, apresentado formalmente a um patrão, geralmente obtém uma resposta bem diferente que a anterior; e se o sindicato for suficientemente forte e organizado e capaz de levar a cabo sua ameaça, normalmente seus membros conseguirão aquilo que lágrimas e súplicas nunca teriam conseguido.

Acreditamos que a luta de classes que existe na sociedade se expressa, por um lado, através do poder econômico do patrão e por outro, do poder econômico crescente dos trabalhadores. Poderes esses que, ocasionalmente, se enfrentam em uma batalha frontal, mas que normalmente, estão engajados em um conflito diário e contínuo que busca estabelecer qual deles terá o maior quinhão do produto do trabalho e, no final, a propriedade dos meios de sobrevivência. O empregador quer muitas horas de trabalho. O trabalhador inteligente, poucas. O empregador não está interessado nas condições de higiene da fábrica. Sua única preocupação é manter o custo de produção o mais baixo possível; o trabalhador inteligente preocupa-se, custo ou não custo, em ter ventilação, instalações sanitárias e luz que contribuam para seu bem estar físico. Sabotagem é para essa luta de classes o que a estratégia de guerrilha é para uma batalha. A greve é a

batalha frontal da luta de classes, a sabotagem é a guerrilha, a guerra cotidiana entre duas classes opostas.

Formas mais comuns de sabotagem

A Sabotagem foi adotada pela Federação Geral do Trabalho da França em 1897, como arma oficial nas estratégias utilizadas pela Federação em sua luta contra a classe patronal. Como uma forma de defesa instintiva, a sabotagem existia muito antes de ter sido oficialmente reconhecida por uma organização do Trabalho. A palavra sabotagem quer dizer, basicamente, retirada de eficiência. Na prática, sabotagem significa moderar o ritmo do trabalho e interferir com a quantidade da produção capitalista, ou descuidar da técnica e interferir com a qualidade desta mesma produção. Ou, ainda, prestar um serviço de baixa qualidade. Sabotagem não envolve violência física. É um processo interno, industrial. É uma batalha que se trava dentro das quatro paredes da fábrica. E essas três formas de sabotagem - afetar a qualidade, a quantidade e os serviços, têm como objetivo reduzir o lucro do empregador. Sabotagem é uma estratégia que busca atingir o lucro do empregador a fim de obrigá-lo a conceder certas condições; nisso assemelha-se à greve, pois, quando operários entram em greve, é esse também seu objetivo. A sabotagem é, portanto, apenas uma outra forma de coação.

Existem vários meios de intervir na eficiência, em geral interferindo na qualidade e na quantidade da produção. Tanto o empregador como os trabalhadores a utilizam, embora seus motivos sejam diferentes. Empregadores interferem na qualidade da produção, na quantidade da produção e no estoque ou espécies de bens produzidos, com o objetivo de aumentar seu próprio lucro. Entretanto, essa forma de sabotagem - a sabotagem capitalista - é antisocial, pela simples razão de que seu alvo é o bem de uns poucos em detrimento de muitos; a sabotagem

perpetrada pela classe trabalhadora, no entanto, é distintamente social, pois seu objetivo é beneficiar muitos, em detrimento de uns poucos.

A sabotagem da classe trabalhadora tem como alvo direto "o patrão" e seus lucros, na crença de que esses últimos são o plexo solar do empregador, seu coração, sua religião, seus sentimentos, seu patriotismo. Tudo gira em volta de seu bolso, e quando atacamos esse bolso, estamos atacando o ponto mais vulnerável de todo um sistema moral e econômico.

Salários baixos, menos trabalho, "Ca Canny"

A sabotagem que tem como alvo a quantidade, é uma estratégia bastante antiga, a que os escoceses chamavam de "ca canny" [1]. Todos os trabalhadores inteligentes já tentaram esse tipo de sabotagem em alguma época de suas vidas, quando foram obrigados a trabalhar com demasiada intensidade ou por um número exagerado de horas. Os estivadores escoceses entraram em greve em 1889. Embora tivessem perdido a greve, ao voltar ao trabalho, enviaram uma circular a todos os estivadores do país na qual especificaram suas conclusões, resultado da experiência adquirida com uma derrota tão amarga. O texto dessa circular era mais ou menos o seguinte: "Os patrões gostam dos operários que furam greves, sempre elogiam seu trabalho, afirmando o quanto são superiores a nós e já lhes pagaram salários duas vezes maiores do que aquele que almejamos mas nunca recebemos; ora, já que esse é o tipo de trabalhador de que eles gostam e o tipo de trabalho que eles aprovam, voltemos às docas com a resolução de fazer exatamente a mesma coisa. Deixaremos que os barris de vinho caiam ao mar, como fazem os furadores de greve. Deixaremos que os caixotes cheios de artigos frágeis caiam no chão do cais, como fazem os furadores de greve.

Executaremos o trabalho de uma maneira tão desajeitada, lenta e destrutiva como o fazem os furadores de greve. E veremos quanto tempo nossos empregadores são capazes de agüentar esse tipo de trabalho." Em uns poucos meses, graças a esse sistema de sabotagem, os estivadores obtiveram todas as concessões pelas quais haviam lutado, mas que, com a greve, não haviam conseguido obter. Essa foi a primeira declaração pública de sabotagem em um país de língua inglesa.

Meu avô contava que um seu antigo companheiro foi procurar trabalho na indústria ferroviária e o patrão lhe perguntou:

- "E o que é que você sabe fazer?"

- "Quase tudo", disse ele - um sujeito grandalhão e robusto.

- "Ótimo", disse o patrão. "Sabe manejar a pá e a picareta? "

- "Sei sim senhor. Quanto é que o senhor paga por esse trabalho?"

- "Um dólar por dia"

- "Só isso? Bom, tudo bem. Preciso muito de um emprego. Acho que fico com ele."

Pegou, então, sua picareta e encaminhou-se vagarosamente para o trabalho. Pouco tempo depois o patrão apareceu por lá e perguntou-lhe:

- "Escuta, você não consegue trabalhar mais rápido que isso?"

- "Sim senhor. "

- "Então, por que não o faz?"

- "Ah é que esse é meu ritmo de um dólar por dia."

- "OK., " disse o patrão, "vamos ver como é seu ritmo de US$1.25 por dia."

A coisa melhorou um pouco. Disse o patrão, "Vamos ver agora como é seu ritmo de US$1,50 por dia." O homem mostrou-lhe. "Assim está ótimo," disse o patrão,

"está bem, talvez seja melhor decidirmos por um trabalho de US$1,50 por dia". Sem ser perguntado, o homem informou que seu ritmo de US$2 por dia era "velocidade máxima". Assim, através dessa forma instintiva de sabotagem, esse pobre trabalhador desconhecido, em uma ferrovia no Maine, foi capaz de conseguir um aumento de US$1 para US$2 por dia. Lemos que quando o patrão reduz o salário dos grupos de trabalhadores italianos - o leitor deve saber a que tipo de trabalhador nos referimos, aqueles que normalmente têm um patrão irlandês ou americano que quer botar em seu próprio bolso um par de dólares a mais por dia, e com isso, reduz o salário dos trabalhadores sob seu comando, sem consultar quem o contratou, embolsando a diferença. Um determinado patrão reduziu o salário dos trabalhadores em 25 centavos por dia. No dia seguinte, chegando ao trabalho, notou que a quantidade de lixo que estava sendo removida tinha diminuído consideravelmente. Fez umas quantas perguntas: "Que diabos está acontecendo por aqui?"

"Mim não entender inglês" - nenhum deles tinha a intenção de falar.

Em resumo, passou o dia inteiro atrás de alguma pessoa que pudesse falar inglês e explicar o que estava acontecendo. Finalmente descobriu um homem que lhe disse: "Bem, o senhor sabe, não é, patrão, o senhor corta o salário, nós cortamos o trabalho."[2]

Esse é um exemplo do mesmo tipo de sabotagem - diminuir a quantidade da produção em proporção à quantidade de pagamento recebido. Havia um pregador indiano que, quando estudante universitário, conseguiu sobreviver graças aos sermões que pregava por fora. Alguém lhe perguntou:

- "John, quanto te pagam?"

- "Ah, só uns US$200 por ano."

- "Puxa, isso é uma porcaria de salário, John."

- "Tudo bem", disse ele, "é uma porcaria de sermão!"

Esse caso é também uma ilustração da forma de sabotagem que venho descrevendo até aqui, ou seja, a do tipo "ca canny", do slogan "pegue manso", da espécie "relaxe, não trabalhe tanto", que é o oposto do mote da Federação Americana do Trabalho, a organização do trabalho mais "segura, sã e conservadora" dos Estados Unidos. A Federação acredita em "um dia de salário justo por um dia de trabalho justo." A sabotagem, no entanto, é um dia de trabalho injusto por um dia de salário injusto. É uma tentativa por parte do trabalhador de limitar sua produção de acordo com sua remuneração. Esta é apenas uma das formas de sabotagem.

Interferência na qualidade dos produtos

O segundo tipo de sabotagem consiste em uma interferência deliberada na qualidade dos produtos. E nisso aprendemos uma série de lições de nossos empregadores, à medida em que vamos aprendendo a reduzir a quantidade. Sabemos que todos os anos, na região ocidental dos Estados Unidos, são produzidas frutas e cereais que nunca encontram um mercado; bananas e laranjas apodrecem no solo ou caixotes inteiros de fruta são jogados no oceano. E não é porque as pessoas não necessitem desses alimentos e não possam utilizá-los proveitosamente nas grandes cidades do leste americano, mas simplesmente porque a classe empresarial prefere destruir uma grande porcentagem da produção para manter o preço alto nas cidades como Nova Iorque, Chicago, Baltimore e Boston. Se eles enviassem todas as bananas que produzem para o leste dos Estados Unidos, provavelmente estaríamos comprando bananas ao preço de três por um centavo. No entanto, destruindo uma grande proporção da produção, lhes é possível manter o alto preço vigente de duas bananas por 5 centavos. O mesmo se aplica a batatas, maçãs, e muitos outros alimentos requisitados pela maioria da população. Se, no entanto, o trabalhador tenta pôr em prática o mesmo princípio, a mesma teoria, a mesma tática que aquela utilizada por seu empregador, ele é acareado com todos os tipos de objeções morais extremamente sutis.

O conselho de Boyd aos escravos das fábricas de seda

O mesmo acontece com a qualidade. Tomemos como exemplo o caso de Frederic Sumner Boyd, no qual todos nós deveríamos estar profundamente interessados pois é evidente que Frederic Sumner Boyd vai ser transformado em um "bode expiatório" pelas autoridades da Nova Jersey. Ou seja, essas querem sangue, querem uma vítima. Como não podem pegar ninguém mais, estão decididos a pegar Boyd, com um duplo propósito: amedrontar os trabalhadores de Paterson, como acreditam poder fazer, e colocar essa coisa, a sabotagem, nos estatutos, para transformá-la em algo cuja defesa ou prática seja ilegal. Boyd disse o seguinte: "Se você voltar ao trabalho e encontrar furadores de greve trabalhando ao seu lado, o melhor que tem a fazer é colocar um pouco de vinagre no pente do tear para evitar que funcione." Com isso prenderam-no sob o estatuto que proíbe promover a destruição da propriedade. Aos tintureiros, o conselho que Boyd foi que em seu trabalho nas tinturarias, no processo de tintura da seda, usassem certos produtos químicos que tendem a impedir a tecedura posterior da seda. Quando surgiu na imprensa, e também aos olhos do Tribunal, essa recomendação parecia algo realmente abominável. Mas o que nem os jornais nem os tribunais levaram em consideração é o fato de que esses produtos químicos já estão sendo utilizados na tintura da seda. O que Boyd defende não é nada novo, e sim algo que já vem sendo praticado em todas as tinturarias da cidade de Paterson. Só que é praticado em benefício do empregador e não do trabalhador.

"Dinamitando" a seda

Permita-me dar-lhes um exemplo específico do que quero dizer. Setenta e cinco anos atrás, quando se tecia a seda, transformando-a em fazenda, o fio era utilizado em seu estado natural, tingido e tecido. Quando aquele pedaço de seda ficava pronto, sabíamos que duraria 50 anos. Sua avó o teria usado para seu vestido de noiva. Sua mãe poderia usá-lo para seu próprio vestido de noiva. E até mesmo você, minha cara leitora, se tivesse a sorte e a oportunidade de um dia se casar, também poderia vir a usá-lo para seu vestido de noiva. A seda que se compra hoje em dia, porém, não é mais tingida em seu estado natural e depois tecida para transformar-se em um produto resistente e durável. Hoje, para cada quilo de seda que entra na tinturaria, dela saem normalmente entre três e quinze quilos de tecido. Isso é, paralelo à tintura, dá-se um processo irrelevante e desnecessário que é muito pitorescamente chamado de "dinamitação". Pesa-se a seda. Existem soluções de estanho, de zinco, de chumbo. Se lermos as publicações da Associação de Seda da América encontraremos em suas páginas indicações, dirigidas aos tintureiros mestres, sobre quais são os sais mais adequados para esse processo de pesar a seda. É possível encontrar anúncios - provavelmente o leitor os terá visto reimpressos no jornal "The Masses" de dezembro de 1913 - de fábricas de Seda, por exemplo, Ashley & Bailey, em Paterson, nos quais um leiloeiro anuncia que essas empresas possuem uma fábrica para o peso, ou seja, especificamente para a dinamitação da seda. Portanto, hoje, quando compramos um lindo corte de seda e mandamos fazer um vestido para ocasiões especiais, penduramos o vestido no armário e quando vamos usá-lo está todo enrugado nas pregas, e na área da cintura e das mangas. Imaginamos, então, que fomos enganadas pelo vendedor. No entanto, o que

realmente houve de errado, foi que pagamos por seda, mas o que recebemos foram latas velhas de estanho, zinco e chumbo e outras coisas desse tipo. O que se tem é um vestido enfeitado com seda, preparado com seda, mas que foi adulterado a tal ponto que, se fosse adulterado um grauzinho a mais, se despedaçaria totalmente.

Na verdade, o que Frederic Sumner Boyd aconselhava aos trabalhadores da seda era o seguinte: "Façam em seu próprio benefício aquilo que já fazem para seus patrões. Ponham esses mesmos produtos na seda para seu próprio benefício e objetivos, da mesma forma que já o fazem para os objetivos do empregador. " E não me é possível imaginar - mesmo em um tribunal - onde estaria o fio sutil da diferença - por que razão a sabotagem dos tintureiros mestres é legal e a sabotagem dos trabalhadores é ilegal, onde está a diferença entre coisas identicamente iguais, se nos dois casos a seda permanece intacta. A seda continua lá. O tear também. Nenhuma propriedade foi destruída no processo. Com a sabotagem, a única coisa que foi retirada foi a eficiência do trabalhador para encobrir a adulteração da seda, a eficiência que permite adulterá-la apenas até o ponto em que possa ser tecida, evitando, assim, que se perceba a adulteração. Essa eficiência é retirada. Rasga-se o véu da produção nas tinturarias e nas fábricas de seda e o trabalhador diz simplesmente: "Olha, ao retirar minhas mãos do processo, eu lhe mostro como as coisas realmente são. Eu lhe mostro como essa seda, que eles estão enganosamente vendendo a dois ou três dólares a jarda, é podre e totalmente imprestável para o uso.

Não-adulteração e superadulteração

O tipo de sabotagem recomendada por Boyd, no entanto, não era das mais perigosas. Se os juizes tivessem um pouco de imaginação, veriam que, ao contrário, a sabotagem de Boyd era bastante amena, se comparada, por exemplo, com o seguinte: Suponhamos que Boyd tivesse dito aos tintureiros de Paterson - e a um número suficientemente amplo deles para que a coisa fosse feita em conjunto, atingindo, assim todas as tinturarias de Paterson: "Em vez de introduzir esses produtos químicos para adulterar a seda, não utilizem nenhum deles. Peguem o chumbo, o zinco e o estanho e os joguem no esgoto. Depois teçam a seda, essa seda maravilhosa, pura, resistente, exatamente como ela é. Tinjam quilo por quilo, cem quilos por cem quilos." Sem dúvida alguma, esse tipo de sabotagem teria prejudicado os empregadores muito mais do que aquela que Boyd realmente sugeriu. Se esse tivesse sido seu conselho, provavelmente teriam desejado que sua sentença fosse prisão perpétua e não apenas sete anos. Em outras palavras, defender a não-adulteração é infinitamente mais prejudicial aos interesses capitalistas que defender a adulteração. E a não-adulteração é a forma mais extrema de sabotagem em estabelecimentos como as tinturarias de Paterson, ou em padarias, confeitarias, fábricas de empacotamento de carne, restaurantes, etc.

A interferência com a qualidade, com a durabilidade, ou com a utilidade do produto pode ser ilustrada da seguinte maneira: Suponhamos que um leiteiro venha todos os dias a sua casa e entregue meio litro de leite. E que não só a metade desse meio litro de leite seja água, como também que a ele tenha sido adicionado alguma greda e um pouco de cola para que ficasse mais espesso. Suponhamos

também que, um belo dia, um leiteiro sindicalizado está fazendo a entrega desse leite, e seu sindicato entra em greve. Com a greve, os leiteiros não conseguem obter as melhores condições de trabalho que reivindicavam. Retaliando, eles abrem a torneira d'água e a deixam correr, fazendo com que a mistura leitosa passe a ser quatro-quintos de água e apenas um quinto de leite. Obviamente, você irá devolver aquele "leite", reclamando. Naquele mesmo momento em que você está fazendo sua reclamação e recusando-se a usar aquele leite, centenas e milhares de outras pessoas estarão fazendo exatamente o mesmo. Assim, se tivessem atingido os interesses dos consumidores, os leiteiros teriam podido conseguir melhores condições para si próprios e, ao mesmo tempo, forçado os empregadores a oferecer o produto inalterado. Esse tipo de sabotagem é claramente benéfico para o consumidor. Qualquer gesto que exponha a adulteração, qualquer super-adulteração que torne o produto inconsumível, é muito mais benéfico para o consumidor que aquele processo que o tinge ou altera quimicamente de uma maneira que permite a sua utilização mas que é, também, profundamente prejudicial para o bem estar físico do consumidor.

Um outro exemplo de interferência com a qualidade é o que sucede em cozinhas de hotéis e restaurantes. Lembro que durante a greve de funcionários de hotéis, esses nos descreviam como os enormes caldeirões de sopa ficavam meses e meses sem serem lavados, cobertos de verdete e de vários outros tipos de proliferação animal; ou como, uma enormidade de vezes, na própria sopa caia um camundongo, ou um rato, que seria apenas pescado e jogado fora para que a sopa pudesse ser usada sem problema. Ora, não seria possível dizer que se os funcionários daqueles restaurantes, como um meio de prejudicar seus empregadores, pegassem meio quilo de sal e o jogassem naquele caldeirão de sopa, você, como cliente do restaurante, como consumidor, não estaria muito melhor? Não há dúvida de que seria muito melhor tornar aquela sopa imprópria para o consumo que deixá-la em um estado supostamente apropriado para o consumo mas que, na realidade, estaria, continuamente e em maior ou menor grau, envenenando os consumidores. A destruição da utilidade de determinados

produtos pode muitas vezes significar um claro benefício para aquelas pessoas que os iriam consumir se não tivessem sido destruídos.

Interferência no serviço. Sabotagem "boca aberta"

Entretanto, a sabotagem que descrevemos acima não é a última forma de sabotagem. Da mesma maneira que se destrói a qualidade, pode-se também destruir os serviços. E, na Europa, isso é realizado graças ao método conhecido como "sabotagem boca aberta". Na indústria hoteleira e de restaurantes, por exemplo - e me pergunto se o juiz que condenou Boyd a sete anos na prisão estatal, acreditaria ou não nesse tipo de sabotagem? Suponhamos que ele fosse a um restaurante e pedisse salada de lagosta, dizendo ao garçom impecavelmente vestido, de pé atrás de sua cadeira: "A salada de lagosta está boa?" "Sim senhor, está excelente" diria o garçom. "É a melhor da cidade." Esse garçom estaria cumprindo seu papel de bom escravo assalariado e defendendo os interesses do patrão. Mas se o garçom dissesse: "Não senhor, está horrível, é uma porcaria de salada de lagosta. Foi feita com os pedaços de lagosta que sobraram aqui nas últimas seis semanas," esse garçom seria do tipo de garçom que crê em sabotagem, que não tem o menor interesse nos lucros de seu patrão, que não quer nem saber se o patrão vai ou não vender suas saladas de lagosta. E o juiz provavelmente acreditaria em sabotagem nesse caso particular. Os garçons da cidade de Nova Iorque eram apenas uns 5.000. Destes, cerca de mil eram militantes, com os quais se poderia contar em uma situação de greve. No entanto, sua pequena greve causou mais sensação na cidade de Nova Iorque que a dos 200 mil operários da indústria de vestimentas que pararam e saíram à rua na mesma época. Por serem tão poucos, os garçons não conseguiram muitas vitórias para sua classe, mas o que conseguiram - e muito - foi demonstrar aos empregadores o poder que tinham para prejudicar seus negócios. Entre outras coisas, por exemplo, prepararam depoimentos e fizeram declarações sobre as

condições das cozinhas e copas de todos os hotéis e restaurantes de Nova Iorque. Descreveram como a manteiga que sobrava nos pratinhos de manteiga das mesas era levada de volta para a cozinha onde alguém dela removia, com as mãos, as cinzas de charuto, os restos de cigarro e os fósforos e a seguir a punha de volta no estoque geral. Ou como os guardanapos que tinham sido usados nas mesas, possivelmente por alguém com tuberculose ou sífilis, eram depois utilizados para enxugar os pratos na copa. Contavam estórias que fariam seu estômago dar voltas e seu cabelo embranquecer, sobre as condições no Waldorf, no Astor, no Belmont, e em todos os grandes hotéis e restaurantes de Nova Iorque. E descobri que esse era um dos meios mais eficientes de atingir o público, porque nunca se pode atingir o "querido público" apenas através da empatia. Fui convidada por uma senhora a participar de um clube aristocrático de mulheres no West Side, mulheres que, por não terem nada que fazer, tinham organizado esse clube. O leitor saberá de quem falo - a aristocracia de luvas brancas! Pediram-me para falar sobre a greve dos funcionários de hotéis. Eu sabia bem que não era isso que elas queriam. O que queriam realmente era verificar que tipo de pessoa era um "agitador trabalhista". Porém, aceitei o convite, vendo nele uma chance de dar alguma publicidade aos grevistas. Falei-lhes sobre as longas horas nas cozinhas quentes, sobre os extremos de vapor e de fumaça. Descrevi a intensidade do trabalho e os baixíssimos salários dos garçons, e como esses tinham que depender da generosidade ou da bebedeira de algum cliente para uma gorjeta substancial; todo esse tipo de coisa. Ficaram impassíveis. Tudo isso as afetou tanto como uma flecha afetaria Gibraltar. Comecei, então, a contar-lhes o que os garçons e cozinheiros me tinham dito sobre as condições das cozinhas, e imediatamente observei o olhar de horror estampado em suas faces.

Interessaram-se somente quando comecei a falar sobre algo que afetava seus próprios estômagos: eu jamais teria conseguido emocioná-las com um apelo a motivos humanitários. Começaram imediatamente a preparar resoluções e a cancelar compromissos nesses grandes hotéis, decididas de que seus clubes não deveriam mais reunir-se neles. Com isso, causaram bastante confusão em alguns

dos grandes hotéis de Nova Iorque. Quando, depois de descobrir que essa era a maneira de atingir o patrão, através do estômago da clientela, os trabalhadores voltaram ao trabalho, não tiveram mais qualquer hesitação em utilizar a sabotagem nas cozinhas. Se qualquer um de vocês, leitores, já foi servido uma sopa que parecia incomível, demasiado salgada ou apimentada, é bem provável que alguns dos rapazes na cozinha estivessem reivindicando menos horas de trabalho, e essa tenha sido a maneira que encontraram para notificar seu patrão do fato. No Hotel McAlpin, o maître reuniu seus homens quando a greve havia terminado sem sucesso e lhes disse: "Rapazes, vocês podem ter tudo o que quiserem, lhes daremos menos horas, lhes daremos salários, lhes daremos tudo, mas pelo amor de Deus, parem com esse negócio de sabotagem na cozinha!" Em outras palavras, aquilo que eles não tinham podido obter através da greve, tinham conseguido atacando o gosto dos clientes. Tornando a comida intragável tinham obrigado o patrão a reconhecer a eficiência e o poder que tinham na cozinha.

Seguindo o "manual de regulamentos"

A interferência no serviço prestado pode ser efetuada de uma outra maneira. Curiosamente, pode ser feita através de uma estrita obediência ao regulamento, agindo absolutamente sob o rito da lei. Muitas vezes a lei é quase tão incômoda para o capitalista como o é para um agitador trabalhista. Em todas as ferrovias, por exemplo, existe um manual de regulamentos, um livrozinho simpático que entregam a todos os empregados. Nesse manual de regulamentos, especifica-se como o engenheiro, ou o foguista, têm o dever de examinar todas as peças da locomotiva antes de que essa saia da casa de reparos. Diz também como o guarda-freios deve caminhar pelo trem inteiro, examinando cada detalhe da maquinaria para garantir que essa está em perfeitas condições. Ou que o chefe da estação deve fazer tal coisa e o operador do telégrafo aquela outra coisa, e assim por diante. No livrozinho, tudo parece muito fácil. Mas, se pegarmos o manual de regulamentos e o compararmos com os horários reais, compreenderemos como toda aquela teoria é impossível de ser executada na prática. Então por que foi escrito? Acontece um acidente. Um maquinista que vem trabalhando em plantões de 36 horas não vê um sinal na linha, e muitas pessoas morrem. No inquérito, o júri de instrução se reúne para estabelecer as responsabilidades. E quem leva a culpa? O pobre maquinista que não obedeceu o manual de regulamentos! A responsabilidade recai sobre esse pobre homem. A companhia lava as mãos e diz "A responsabilidade não é nossa. Nosso empregado foi negligente. Esses são nossos regulamentos." E através desse manual de regulamentos eles conseguem jogar a responsabilidade de todos os acidentes em cima de algum pobre diabo como aquele maquinista que disse outro dia, depois de um terrível acidente, quando foi preso, "Eu sei, mas de acordo com a nova administração da ferrovia

New Haven, se eu não tivesse chegado com o trem num certo horário, poderia ter perdido meu emprego." O mesmo manual de regulamentos existe também na Europa. Recentemente, em uma estação francesa, ocorreu um acidente. A culpa recaiu sobre o chefe da estação. Como os chefes de estação eram filiados ao Sindicato dos Ferroviários, foram ao Sindicato exigir algum tipo de ação. Disse o Sindicato: "O melhor que vocês podem fazer é voltar ao trabalho e começar a obedecer o manual de regulamentos ao pé da letra. Com isso, se a desobediência ao manual for realmente a única razão pela qual os acidentes acontecem, não teremos mais nenhum acidente daqui por diante." Os homens, então, voltaram ao trabalho e quando alguém chegava ao guichê para comprar uma passagem para tal e tal lugar, custando tanto, e pagava com um quantia maior, que exigiria troco, diziam-lhe: "Infelizmente, não podemos dar troco. O manual de regulamentos diz que os passageiros devem pagar as passagens com a quantia exata." Isso era o primeiro passo., O passageiro saía desesperado à cata de troco e depois de muita confusão, conseguia a quantia exata, recebia suas passagens e subia ao trem. Ai, quando o trem deveria estar pronto para dar partida, o maquinista descia da locomotiva, seguido pelo foguista, e os dois começavam a examinar cada parafuso e cada mecanismo da máquina. Por sua vez, o guarda-freios também saía do trem e dava início à inspeção de tudo aquilo que lhe cabia examinar. Com isso, os passageiros iam ficando cada vez mais irritados. O trem ficava ali parado cerca de uma hora e meia. No fim, todos eles saiam do trem. Na saída, encontravam um funcionário que lhes dizia: "Desculpem, mas não podem sair. Segundo o regulamento, depois de entrarem no trem, os senhores só podem sair quando chegarem a seu destino." Assim, em três dias, o sistema ferroviário francês ficou tão totalmente desmoralizado que a companhia foi forçada a perdoar aquele chefe de estação específico. E o absurdo do manual de regulamentos foi tão claramente demonstrado que a companhia teve de modificar todo seu sistema operacional para que o público voltasse a confiar nas ferrovias uma vez mais.

O manual de regulamentos já foi posto em prática com outro objetivo que não o de isentar funcionários de culpa: foi utilizado também com uma intenção grevista. Ao

voltar ao trabalho depois de uma derrota naquela na batalha frontal, a greve, os trabalhadores usam essa estratégia e normalmente conseguem o que querem. No caso dos ferroviários, esses tem a capacidade de utilizar a sabotagem não só em seu próprio benefício, mas também em benefício de outros grupos. É o que aconteceu na greve dos mineiros do Colorado, onde lemos que os milicianos foram enviados contra os mineiros. Sabemos que foram enviados contra os mineiros porque o primeiro gesto da milícia foi desarmar os mineiros, deixando os guardas das minas, aqueles bandidos, com as armas nas mãos. A seguir veio a Justiça! O emérito juiz O'Brien foi a Calumet, Michigan, e disse aos mineiros - e o presidente do Sindicato, Sr. Moyer, sentou-se à cabeceira da mesa, como presidente, enquanto o juiz tinha a palavra - "Rapazes, entreguem as armas. É melhor receber um tiro do que atirar em alguém." Ora, sabotagem não é violência, mas isso não significa que estou reprovando todos os tipos de violência. Creio, por exemplo, que no caso de Michigan, no caso do Colorado, no caso de Roosevelt na Nova Jersey, os mineiros deveriam ter mantido suas armas, e exercitado seu "direito constitucional" de portar armas e, com ou sem a presença da milícia, recusado-se totalmente a entregá-las até estarem seguros de que as armas dos bandidos e as armas do guardas das minas tinham sido depositadas do outro lado do rua. E mesmo assim, talvez tivesse sido uma boa idéia, por precaução, que eles tivessem mantido suas armas para alguma emergência! Ora, quando a milícia estava sendo enviada de Denver para o distrito mineiro, uma pequena equipe ferroviária fez algo que nunca tinha sido feito na América; algo que fez vibrar até o mais humilde trabalhador. Creio que se eu tivesse tido que trabalhar vinte anos só para ver uma pequena tocha de esperança como essa, teria valido a pena. O trem estava repleto de soldados. De repente, o maquinista, o foguista e todo o resto da equipe, descem do trem, dizendo, "Não vamos dirigir este trem transportando soldados contra nossos irmãos grevistas." Desta forma, abandonaram o trem, que foi então dirigido por um detetive chamado Baldwin e um vice-delegado. Não seria possível dizer que esse foi um caso onde a sabotagem era absolutamente necessária?

Colocando a máquina em greve

Imaginemos que aquele maquinista, ao entrar em greve, tivesse levado consigo - colocando-a, assim, também em greve - uma parte essencial da locomotiva, sem a qual não seria possível por o trem em movimento. Se isso tivesse ocorrido, a nossa estória poderia ter sido diferente. Quando se recusam a transportar para áreas grevistas, soldados, furadores de greve, ou munição para esses dois grupos, os ferroviários têm enorme poder. Algo assim aconteceu na Itália. Os soldados entraram no trem. Os guardas do trem se recusaram a dirigir o trem. Os soldados acharam que poderiam dirigi-lo eles mesmos. Puseram o trem em movimento e o primeiro sinal com que se depararam dizia "Perigo". Continuaram lenta e cuidadosamente, mas o próximo sinal também dizia "Perigo". Descobriram, antes mesmo de irem muito longe, que alguns dos interruptores tinham sido ligados e que eles e o trem estavam sendo enviados para um desvio no meio de um bosque. Com muita dificuldade, conseguiram voltar à linha principal. Chegaram a uma ponte levadiça e a ponte estava levantada. Tiveram que abandonar o trem e atravessar o rio de barco. Com isso, foram obrigados a caminhar pelo resto do dia. Quando conseguiram chegar à área da greve, essa já havia acabado. E, é claro, soldados cansados de caminhar não estão assim tão cheios de entusiasmo e vigor, nem tão ansiosos para atirar em "latinos" quando chegam às localidades em greve como estariam se tivessem viajado confortavelmente em um trem operado pelos membros do Sindicato.

Portanto, os ferroviários têm enorme poder quando se recusam a dirigir trens, ou os deixam em condições tais que não possam ser dirigidos por outros. No entanto, antecipando uma pergunta que certamente será feita, sobre uma possível

negligência pela vida humana, é preciso lembrar que quando todos os sinais estão na marca de "perigo", há pouquíssimo risco para a vida humana, pois, normalmente, isso obriga o trem a parar completamente. Quando alguma parte essencial da locomotiva é removida, o trem simplesmente não anda. Assim, a vida humana não está em perigo. E, em geral, as estratégias dos ferroviários têm como prática atingir o serviço de uma forma tão essencial que esse fique paralisado daquele momento em diante.

No caso de trens de carga, outras iniciativas são tomadas. Na greve dos ferroviários franceses, esses transportaram a carga de tal maneira que lhes foi possível desviar todo um carregamento de fruta fresca de alta qualidade para um local em um dos distritos mais pobres do país. A fruta foi abandonada para que apodrecesse. Mas nunca chegou a apodrecer ou a ser destruída. Na maioria dos casos, os pobres da região cuidaram dela. Algo que deveria ter sido enviado com urgência de Paris para Haia, foi enviado para Marselha. Assim, em muito pouco tempo, todo o sistema estava tão atravancado e desmoralizado que os donos foram obrigados a dizer aos trabalhadores ferroviários, "Só vocês são eficientes. Voltem. Atenderemos suas reivindicações. Mas administrem nossas ferrovias."

"Imprima a verdade ou não imprimirá nada"

Ora, o que é verdadeiro para os ferroviários também é verdadeiro para os trabalhadores da imprensa. Bem sabemos que é difícil imaginar outro elemento que seja mais conservador no trato do que ferroviários e empregados de jornais. Às vezes, lemos estórias nos jornais que são palpavelmente falsas. Esse foi, por exemplo, o caso daquela reportagem sobre grevistas que teriam enterrado dinamite em Lawrence (e a notícia saiu em um jornal de Boston antes que o dinamite fosse encontrado), ou uma matéria sobre trens do Erie sendo dinamitados por grevistas em Paterson; mas será que nos damos conta de que o homem que escreve esse tipo de estória, o homem que paga por essa estória, os donos e editores, não são os que finalmente a imprimem? Ela é impressa por tipógrafos, linotipistas e compositores, ou seja homens que pertencem à classe trabalhadora e que são sindicalizados. Durante a greve geral na Suécia, esses trabalhadores sindicalizados, que produziam os jornais, rebelaram-se contra o fato de ter que imprimir mentiras que prejudicavam seus companheiros grevistas. Enviaram, então, um ultimato aos diretores dos jornais: "Ou vocês imprimem a verdade ou não imprimirão jornal algum". Os donos dos jornais decidiram que prefeririam não imprimir nenhum jornal a ter que dizer a verdade. É bem provável que a maioria deles tomasse uma decisão semelhante também neste país. Os trabalhadores entraram em greve e o jornal saiu, mas em um pedacinho de papel, de duas polegadas por quatro. Até que, eventualmente, os proprietários compreenderam que os tipógrafos os tinham presos pelo pescoço e que, sem eles, não poderiam mesmo imprimir nenhum jornal. Enviaram-lhes mensagens pedindo que voltassem e lhes disseram, "Tanto do jornal vai pertencer aos grevistas. Nessa parte eles poderão imprimir o que quiserem."

Outros tipógrafos, no entanto, tinham conseguido obter resultados semelhantes com sabotagem. Em Copenhague, houve uma vez uma conferência de paz, que coincidiu com a presença de um circo. À época, os tipógrafos locais tinham pedido aumento salarial mas não o tinham obtido. Estavam bastante amargos. A amargura no coração é um estímulo poderoso para a sabotagem. Por isso, disseram: "Tudo bem, rapazes, vamos continuar trabalhando, mas vamos fazer algumas coisas estranhas com esse jornal, para que eles não queiram imprimi-lo amanhã nessas mesmas circunstâncias." Usando a conferência de paz, onde alguma pessoa importantíssima iria dar uma palestra sobre paz internacional, colocaram o discurso desse figurão nas notícias sobre o circo; noticiaram o leão e o macaco dando palestras na conferência de paz e o Honorável Sr. Fulano de Tal em números de trapézio no circo. Causaram uma consternação geral e grande indignação na cidade. Anunciantes, a conferência de paz, o circo, todos protestaram. O circo recusou-se a pagar a fatura do seu anúncio no jornal. No final das contas, a brincadeira custou ao jornal o mesmo que lhe teria custado o aumento dos salários e com isso, seus donos ajoelharam-se diante dos trabalhadores - figurativamente, é claro - pedindo: "Por favor, comportem-se bem e nós lhes daremos tudo o que quiserem." Este é o poder de uma intervenção na eficiência industrial que utiliza a prestação de um mau serviço. Não se trata de um caso de ineficiência por parte de algum pobre trabalhador e sim de um abandono proposital da eficiência por parte de um trabalhador competente.

"Usávamos sabotagem, mas não sabíamos que tinha esse nome"

Para o trabalhador a sabotagem é uma necessidade absoluta. Portanto é quase inútil discutir sua eficácia. Quando seres humanos fazem algo instintivamente e continuamente, ano após ano e geração após geração, isso obviamente significa que, a seu ver, essa arma tem algum valor. Quando Boyd fez seu discurso em Paterson, alguns socialistas correram imediatamente para os jornais, protestando. Chamaram a atenção das autoridades para o fato de que o discurso tinha sido feito. Tanto o secretário como o organizador do Partido Socialista repudiaram Boyd. Isso fez com que o comitê da greve realizasse um debate para decidir se discursos sobre sabotagem deveriam ou não ser permitidos. Vínhamos tentando persuadir os grevistas de que qualquer tipo de discurso deveria ser permitido; que um socialista, ou um ministro, um padre, um sindicato, um organizador, um membro da Federação do Trabalho Americana, um político, um membro dos Trabalhadores Industriais do Mundo, um anarquista, enfim, qualquer pessoa, deveria poder subir ao palanque. E tentávamos fazer com que os grevistas entendessem isso. "Vocês têm inteligência suficiente para escolher por vocês mesmos. Se não o têm, nenhuma censura sobre o conteúdo de suas reuniões vai lhes trazer qualquer benefício." Graças a isso, existia entre eles um certo espírito de tolerância e não se dispuseram a aceitar a acusação socialista sobre sabotagem sem questioná-la. Organizaram, então, uma reunião executiva para rebater o assunto e isso foi tudo.

Disse um trabalhador, "Eu nunca tinha ouvido falar dessa coisa a que chamam de sabotagem até que o Sr. Boyd falou dela no palanque. Sei que, de vez em quando, quando quero tirar meio-dia de folga e eles não me dão, tiro a correia da

máquina para evitar que funcione, e aí consigo meu meio dia de folga. Não sei se vocês chamariam isso de sabotagem, mas isso é o que eu faço."

Disse um outro, "Participei da greve dos tintureiros onze anos atrás e perdemos. Voltamos ao trabalho e lá estavam aqueles furadores de greve que tinham rompido nossa greve trabalhando ao nosso lado. Ficamos bastante amargos. Com isso, sempre que eles tinham que misturar o verde dávamos um jeito para que colocassem algum vermelho, ou quando teriam que misturar o azul, conseguíamos que misturassem algum verde. Logo logo compreenderam que furar greve não era um negócio muito lucrativo. Na próxima greve que tivemos, eles se aliaram a nós. Não sei se vocês chamam isso de sabotagem, mas funciona."

À medida que iam se apresentando, todos os membros do comitê executivo, um após outro, admitiram ter usado essa coisa, só que "não sabíamos que tinha esse nome!" No final, democratas, republicanos, socialistas, e todos os membros dos Trabalhadores Industriais do Mundo que participavam do comitê votaram a favor de que discursos sobre sabotagem fossem permitidos, pois chegaram à conclusão de que seria ridículo não poder falar no palanque sobre algo que eles próprios já estavam fazendo na fábrica.

Portanto, minha justificativa final para a sabotagem é o uso constante que dela faz o trabalhador. A posição de oradores, organizadores, conferencistas e escritores, que, se supõe, estão interessados no movimento trabalhista, deve ser uma ou outra dessas duas: se você se posiciona fora da classe trabalhadora e, de algum plano intelectual "superior", presume-se capaz de estabelecer preceitos sobre aquilo que seus membros devem ou não fazer, eles rapidamente se livrarão de você, pois você logo deixará claro que não tem qualquer utilidade para eles. Creio que a missão do propagandista inteligente é a seguinte: devemos observar o que fazem os trabalhadores e tentar, então, entender por que razão o fazem; não dizer-lhes se o que fazem está certo ou errado, e sim analisar a situação e

verificar se, possivelmente, eles não compreendem suas próprias necessidades melhor que ninguém e se, extrapolando daquela situação, não será possível desenvolver uma teoria que seja de utilidade geral. O sindicalismo industrial, a sabotagem, são teorias oriundas de tais fatos e experiências. Colocar-nos em uma posição de censura, no entanto, significa alienarmo-nos totalmente de qualquer empatia e utilidade para com as próprias pessoas que, supostamente, devemos servir.

Sabotagem e "fibra moral"

A objeção que se faz à sabotagem baseia-se no argumento de que ela destrói a fibra moral do indivíduo, seja lá o que for que isso signifique! A fibra moral de um trabalhador! Aqui temos um pobre trabalhador, trabalhando doze horas por dia, sete dias por semana, por dois dólares diários na siderúrgica de Pittsburg. Se esse homem usar sabotagem, isso irá destruir sua fibra moral. Bom, se isso é verdade, então fibra moral é a única coisa que lhe resta. Em um estágio da sociedade quando os homens produziam um artigo completo, ou seja , quando um sapateiro pegava um pedaço de couro cru, cortava-o, preparava-o, planejava os sapatos, confeccionava cada parte desses mesmos sapatos, e tinha como resultado um produto final, esse processo representava para esse homem o que uma escultura representa para o artista, existia prazer no trabalho manual e artesanal, havia prazer no trabalho. Mas será que alguém acredita que um trabalhador em uma fábrica de sapatos, um homem entre cem, cada um deles executando uma pequena parte de um todo, em pé diante de uma máquina e escutando o tique-taque dessa máquina o dia inteiro - que esse homem tem qualquer prazer em seu trabalho ou qualquer orgulho do produto final? O trabalhador da seda, por exemplo, faz coisas lindas, uma seda brilhante e maravilhosa. Quando a colocam em uma vitrine da Altman, ou da Macy, ou da Wanamaker, ela é belíssima. Porém o trabalhador da seda nunca tem a oportunidade de usar um único metro daquele tecido. E a produção daquele objeto tão belo, em vez de ser um prazer, é uma tortura constante para o pobre trabalhador. Na fábrica, faz um objeto precioso. Volta para casa e encontra pobreza, miséria e dificuldades. Enquanto tece uma seda maravilhosa para algum grupo de mulheres nova-iorquinas de dúbia reputação usarem, ele próprio se veste de algodão.

Lembro que uma noite tivemos uma reunião com 5.000 crianças. (Nós as chamamos para discutir se deveria ou não haver uma greve nas escolas. Os professores não estavam dizendo a verdade sobre a greve e decidimos que ou as crianças deviam ouvir a verdade ou seria melhor que nem fossem à escola.) Eu lhes perguntei: "Crianças, algum de vocês tem uma roupa de seda em casa? A mãe de alguém aqui tem um vestido de seda?" Um molequinho esfarrapado na primeira fila gritou, "Lógico, minha mãe tem um vestido de seda."

Disse eu: "Onde é que ela conseguiu o vestido?" - uma pergunta talvez um pouco indelicada, mas natural.

Ele respondeu: "Meu pai estragou a seda e teve que trazer prá casa."

A única vez que ganham um vestido de seda é quando estragam o produto e ninguém mais pode usá-lo; quando o vestido está tão destroçado que ninguém mais iria desejá-lo. Ai, podem ficar com ele. O trabalhador da seda tem orgulho de seus produtos! Falar com essas pessoas sobre ter orgulho de seu trabalho é tão absurdo como falar com o varredor de rua sobre orgulho do seu trabalho, ou dizer ao homem que raspa a sujeira do esgoto que tenha orgulho daquilo que faz. Se eles pudessem fazer um produto inteiro, ou se o fizessem juntos, mas em uma associação democrática, e depois pudessem dispor da seda - poderiam usar parte dela, fazer uma roupa para si mesmo com aquele tom salmão, tão belo, ou com os azuis tão delicados - então teriam prazer em produzir seda. Mas até que a escravidão assalariada e a exploração do trabalhador sejam eliminadas, é ridículo falar que estaríamos destruindo a "fibra moral" do indivíduo se lhe dissermos que destrua "seu próprio produto." Destruir seu próprio produto! O que ele está destruindo é o prazer de algum outro, a chance de que alguma outra pessoa use o produto que ele criou na escravidão. Existe um outro argumento contra a sabotagem que diz, mais ou menos, que "se você utilizar essa estratégia a que chamam de sabotagem, irá desenvolver um espírito de hostilidade, uma atitude

antagônica para com todos os demais na sociedade, vai se tornar mesquinho e dissimulado, um covarde. É agir de uma forma desleal." Mas o indivíduo que usa sabotagem não está unicamente beneficiando a si próprio. Se ele estivesse apenas cuidando de si mesmo, nunca usaria sabotagem. Seria muito mais fácil, muito mais seguro não fazê-lo. Quando um homem usa sabotagem, ele normalmente tem a intenção de beneficiar toda a sociedade; age individualmente, mas o faz em benefício de si mesmo e de outros, em conjunto. A sabotagem exige coragem. Exige individualidade. Desperta, naquele trabalhador, algum tipo de auto-respeito, e a dependência em si mesmo como produtor. Meu argumento é que, ao invés de ser mesquinho e covarde, um ato de sabotagem é um ato corajoso, transparente. É possível que o patrão não seja informado sobre esse ato pelos jornais, mas ele irá descobri-lo do mesmo jeito, e muito rapidamente. E o homem ou mulher que utiliza a sabotagem demonstra uma coragem que só pode ser medida da seguinte maneira: quantos dos seus críticos fariam a mesma coisa? Quantos entre vocês, leitores, se dependessem de um emprego em um cidade da seda como Paterson, tomaria aquele emprego em suas mãos, utilizando sabotagem? Se fossem um maquinista em uma fábrica de locomotivas e tivessem um bom emprego, quantos de vocês arriscariam esse emprego para utilizar a sabotagem? Pense nisso e só então você terá o direito de chamar o homem que usa a sabotagem de covarde - se puder.

Reduzindo o estoque de escravos

Minha esperança é que os trabalhadores não só saboteiem o estoque de produtos, mas também o façam com o super-estoque de produtores. Na Europa, sindicalistas levaram a cabo uma campanha que, nós, nos Estados Unidos, somos ainda demasiado covardes para realizar. É contra a lei. Tudo é "contra a lei" na medida em que se desenvolva o suficiente para que a lei reconheça que satisfaria os interesses mais importantes da classe trabalhadora. Se devemos abandonar a sabotagem porque a declararam contra a lei, como vamos saber se, no ano próximo, a liberdade da palavra também não terá que ser abandonada? Ou a liberdade de associação? Ou a liberdade de imprensa? Porque alguma coisa é contra a lei, não significa necessariamente que é perniciosa. Algumas vezes dá-se exatamente o oposto: trata-se de um instrumento poderosíssimo na luta da classe trabalhadora contra os capitalistas. Na Europa, estão realizando esse tipo de redução. O que dizem é: "Não só estabeleceremos limites para o produto na fábrica, mas vamos também estabelecer limites para o estoque de produtores. Vamos reduzir o estoque de trabalhadores no mercado." Homens e mulheres da classe trabalhadora na França, na Itália e até na Alemanha afirmam hoje em dia: "Não vamos mais ter dez, doze ou quatorze filhos para alimentar o exército, a marinha, a fábrica e as minas. Vamos ter menos filhos, tendo como ideal um aumento na qualidade e não na quantidade; filhos que possam ser mais bem alimentados, mais bem vestidos e melhor preparados mentalmente tornando-se, assim, melhores soldados na luta para a revolução social." Embora essa não seja uma definição estritamente científica, gostaria de considerar essa declaração como uma indicação do espírito que produz a sabotagem. Certamente é uma das formas mais essenciais da guerra de classes, que poderá atingir as raízes do

sistema capitalista através de uma redução no estoque de escravos e criando indivíduos que venham a ser soldados eficientes em sua própria defesa.

Sabotagem, uma medida de guerra

Não me foi possível oferecer-lhes uma tese rigidamente definida sobre sabotagem porque a sabotagem é um processo em construção. A própria sabotagem não está claramente definida. A sabotagem é algo tão amplo e tão mutante como a própria indústria, e tão flexível como a imaginação e as paixões da humanidade. A cada dia, trabalhadores e trabalhadoras descobrem novas formas de sabotagem, e quanto mais forte for sua imaginação rebelde, mais formas de sabotagem irão inventar, mais atos de sabotagem irão realizar. No entanto, a sabotagem não é uma arma permanente. Não será mais necessária quando uma sociedade livre tiver sido estabelecida. A sabotagem é simplesmente uma medida de guerra e deixará de existir junto com a guerra, assim como a greve, o conflito patronal, a polícia, a metralhadora, o juiz e sua injunção e todas as várias armas nos arsenais do capital e do trabalho deixarão de existir com o advento de uma sociedade livre. "E até então," alguém poderá perguntar "esse instinto para sabotagem não se terá desenvolvido demasiado, fazendo com que um grupo de trabalhadores venha a usar sabotagem contra um outro? ou com que, por exemplo, os ferroviários recusem-se a trabalhar para os mineiros a não ser que recebam recompensas exorbitantes por seu trabalho?" A diferença é a seguinte: quando você saboteia um empregador, está sabotando alguém com o qual você não tem uma relação de interdependência, ou seja, você não tem, com ele, um relacionamento como tem com um membro da sociedade que contribui para suprir suas necessidades em troca de sua contribuição. O empregador é alguém que depende totalmente dos trabalhadores. Por outro lado, o mineiro é uma unidade em uma sociedade onde alguma outra pessoa fornece o pão, outra a vestimenta, outra os sapatos, e onde ele fornece seu produto em intercâmbio pelo produto feito pelo outro; e seria uma

forma de suicídio se ele assumisse uma posição tirânica e monopolista, exigindo tanto por seu produto que levasse os demais a expulsá-lo de qualquer outra relação social, recusando-se a aceitar uma exigência desse tipo. Em outras palavras, o mineiro, o ferroviário, o padeiro, estão impedidos de usar a sabotagem contra seus companheiros trabalhadores porque cada um deles é interdependente dos demais trabalhadores, enquanto que ele não é materialmente interdependente do empregador para seus meios de subsistência.

Mas o trabalhador não será desviado de seu sério objetivo por objeções pueris. Para ele, esses temas não são meros argumentos, e sim parte da luta pela vida. Ele sabe que a liberdade só virá quando sua classe estiver disposta a lutar por ela e for corajosa o suficiente para fazê-lo. Ele conhece os riscos, muito mais do que nós os conhecemos. No entanto, sua escolha é entre morrer de fome na escravidão ou morrer de fome em uma batalha. Assim como um nadador exausto no mar, que poderia fácil e apaticamente mergulhar para o sono eterno, mas que continua lutando para tentar agarrar-se a um pedaço de mastro perdido, sofre, mas ainda tem esperanças em meio a seu sofrimento - assim também o trabalhador faz sua escolha. A preocupação e as lágrimas de sua mulher o incitam a vestir a armadura do poder industrial; para ele, os olhos brilhantes de seu filho espelham a luz daquele ideal e fortalecem sua determinação de romper as algemas que prendem seus pulsos de trabalhador antes que aquela criança entre na arena da vida industrial; sua hombridade exige algum tipo de revolta contra a humilhação diária e a exploração intolerável. Para esse trabalhador, a sabotagem é um espada reluzente. Uma espada que perfura os centros nervosos do capitalismo, que esfaqueia seus corações e seus estômagos, que despedaça as partes vitais do sistema econômico. É como abrir um caminho para a liberdade, desoprimindo a produção e liberando o consumo.

Confiante em seus poderes, ele lança um desafio na cara de seu senhor - Eu sou, eu era, e eu serei...

"Eu serei, e conduzirei as nações, para que encontrem até o último de todos os seus donos,
Até que sobre seus pescoços, suas cabeças, suas coroas, eu plante meus pés fortes, descobertos.
Justiceiro, Libertador, Juiz, batalhas sangrentas lançadas em meu caminho,
Estendo meu braço todo poderoso até que ele revitalize o mundo."

1- NT- A tradução literal de "ca canny" seria "proceder lentamente", ou seja, "operação tartaruga"/
2- NT- No original, com o sotaque italiano: "You cutta da pay, we cutta da shob."

This document was created with Win2PDF available at http://www.daneprairie.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.